

SEÇÃO III

Setor Externo

SUMÁRIO

Marcelo José Braga Nonnenberg

Técnico de Planejamento e Pesquisa da
Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

marcelo.nonnenberg@ipea.gov.br

A taxa de câmbio desvalorizou-se ligeiramente nos últimos meses, acompanhando as incertezas do processo de tramitação da proposta de reforma da previdência. Mas deve-se notar também que, quando se mede a taxa de câmbio pela taxa efetiva real, para o conjunto das exportações e importações, nos últimos anos, a variação foi bem inferior ao da taxa real/dólar.

As exportações e importações estão apresentando claramente uma tendência declinante nos primeiros quatro meses do ano, tanto em comparação com os meses anteriores como com o mesmo período do ano anterior, ainda que o saldo comercial venha se mantendo relativamente constante desde setembro do ano passado. Em abril, as exportações cresceram 3% com relação ao mês anterior, ao mesmo tempo que as importações tiveram queda de apenas 0,3%. Ambas as variáveis, entretanto, caíram quando comparadas com os valores atingidos no segundo semestre do ano passado. No acumulado do ano até abril, as exportações sofreram queda de 2,7%, apesar da elevação de 5,8% dos básicos. Em compensação, os manufaturados tiveram queda de 7,3% e os semimanufaturados, redução de 1,1%. A recessão na Argentina vem cobrando um preço alto especialmente no que concerne à queda das exportações de produtos manufaturados. As importações nos primeiros quatro meses do ano caíram 0,8%, devido a reduções de bens de consumo semiduráveis e não duráveis (-1%), bens de consumo duráveis (-16%) e combustíveis e lubrificantes (-10%). Em compensação, as de bens de capital (2%) e bens intermediários (1,6%) experimentaram elevação.

O saldo em transações correntes vem se mantendo relativamente estável, no acumulado em doze meses, desde meados de 2018. No acumulado do ano até março, o *deficit* caiu de US\$ 9 bilhões para US\$ 8,2 bilhões, o que significa uma redução de 1,98% do produto interno bruto (PIB) para 1,76% no período, apesar da redução do *superavit* comercial. Isso foi possível graças ao menor *deficit* da conta de serviços, que passou de US\$ 8,2 bilhões para US\$ 6,7 bilhões, e à redução do *deficit* da conta de renda primária, que caiu de US\$ 12,4 bilhões para US\$ 11,5 bilhões.

O ingresso líquido de investimentos diretos baixou de US\$ 17,9 bilhões nos primeiros três meses de 2018 para US\$ 15,3 bilhões em igual período deste ano. Em compensação, o ingresso líquido de investimentos em carteira aumentou de US\$ 0,3 bilhão para US\$ 7,1 bilhões, ao mesmo tempo que o *deficit* da conta de outros investimentos aumentou de US\$ 3 bilhões para US\$ 8,7 bilhões.

1 Câmbio e preços

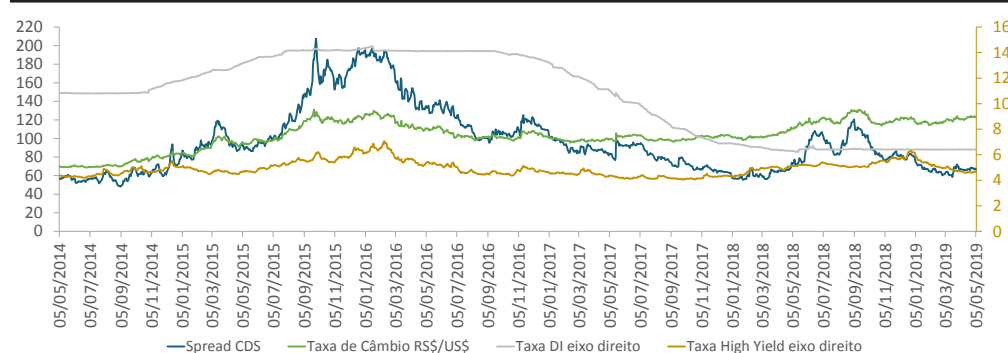


A taxa de câmbio vem se desvalorizando gradativamente desde o início do ano, acompanhando as incertezas relativas à tramitação do projeto de reforma da previdência social no Congresso. A taxa DI de trinta dias vem se mantendo estável e deverá continuar assim no futuro próximo. As taxas de juros externas, medidas pela taxa de produtos *high yield*, seguem caindo desde o final do ano. A única alteração recente foi uma pequena elevação do *spread* do *credit default swap* (CDS) no final de março.

GRÁFICO 1

Taxa de câmbio nominal, *spread* do CDS, taxa DI e taxa *high yield* (Estados Unidos)

(Índices – média de janeiro de 2017 = 100 e %)



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB), Federal Reserve Bank of Saint Louis e Bloomberg.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

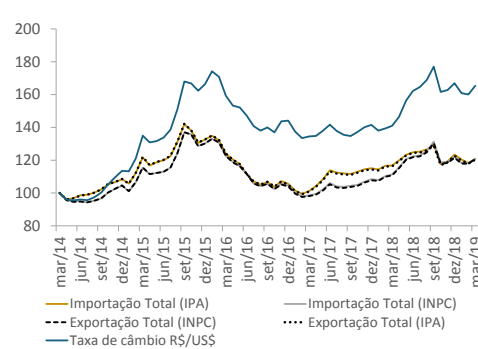
2 Taxas efetivas reais de câmbio

Quando se observa a variação do câmbio medida pela taxa efetiva real de câmbio (TERC), verifica-se que a desvalorização foi bem inferior à registrada pela taxa de câmbio real/dólar, como se observa no gráfico 2. Entre março deste ano e março do ano passado, a taxa efetiva real ponderada pelas exportações e deflacionada pelo Índice de Preços por Atacado (IPA) sofreu desvalorização de 3,5% e a deflacionada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), de 9%, ao mesmo tempo que a taxa nominal real/dólar se desvalorizou em 17,3%, de acordo com a tabela 1. Isso mostra que o impacto cambial sobre as exportações no último ano foi bem inferior ao percebido quando se utiliza a taxa convencional. Por fator agregado, a maior desvalorização no mesmo período, sempre ponderada pelas exportações, foi nos produtos manufaturados, com base no INPC, com alta de 9,5%, ao passo que nos básicos, deflacionando-se pelo IPA,

GRÁFICO 2

Taxa de câmbio real/dólar e TERCs (2014-2019)

(Índices – média de março de 2014=100)



Fonte: FMI, SECEX, BCB e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

houve valorização de 1,9%. Quando se examinam as taxas efetivas reais na tabela 2, agora ponderadas pelas importações totais, verifica-se uma desvalorização de 3,5% quando deflacionadas pelo IPA, ao passo que a desvalorização foi de 8,7% quando deflacionadas pelo INPC. Entre as categorias, a maior desvalorização ocorreu na dos bens de consumo duráveis, de 10,9%, enquanto os combustíveis sofreram valorização de 3,9%.

TABELA 1
Variação da TERC ponderada pelas exportações
(Em %)

Varição no período	Março 2018/Março 2017	Março 2019/Março 2018
Exportação Total (IPA)	15,28	3,52
Exportação Total (INPC)	12,92	9,01
Taxa Efetiva Real das Exportações segundo Fator Agregado		
<i>Exportação Básicos (IPA Ponderado)</i>	22,83	-1,95
<i>Exportação Semimanufaturados (IPA)</i>	10,93	6,23
<i>Exportação Manufaturados (IPA)</i>	9,14	5,99
<i>Exportação Manufaturados (INPC)</i>	11,20	9,54

Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI), Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), BCB e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2
Variação da TERC ponderada pelas importações
(Em %)

Varição no período	Março 2018/Março 2017	Março 2019/Março 2018
Taxa Efetiva Real das Importações Totais (IPA)	15,38	3,45
Taxa Efetiva Real das Importações Totais (INPC)	12,94	8,74
Taxa Efetiva Real das Importações segundo Grandes Categorias Econômicas		
<i>Importação Bens de Capital (IPA)</i>	11,89	4,72
<i>Importação Bens de Consumo Duráveis (IPA)</i>	12,63	10,86
<i>Importação Bens de Consumo Não Duráveis (IPA)</i>	13,77	8,59
<i>Importação Bens Intermediários (IPA)</i>	8,13	3,92
<i>Importação Combustíveis e Lubrificantes (IPA)</i>	0,75	-3,91

Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI), Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), BCB e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

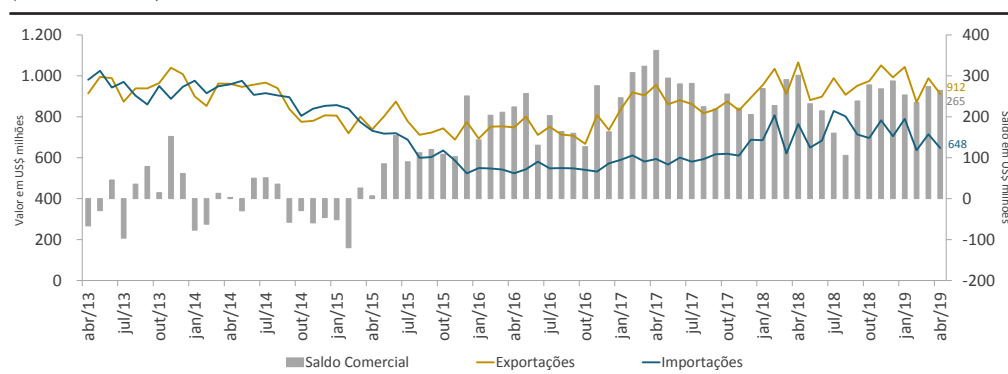
Como pode se observar na tabela A.1 do apêndice, as variações cambiais diferem substancialmente entre os distintos setores, o que mostra a necessidade de cálculo das taxas efetivas com essa abertura, de forma a medir corretamente o impacto do câmbio sobre cada setor. Assim, examinando-se a variação da TERC de exportação entre março de 2019 e março de 2018, enquanto, no caso da extração de minerais metálicos, houve uma valorização de 16,6%, no caso da preparação de couros e fabricação de calçados, a desvalorização foi de 13,1%.

3 Exportações e importações

As exportações e importações estão apresentando claramente uma tendência declinante nos primeiros quatro meses do ano, tanto em comparação com os meses anteriores como com o mesmo período do ano anterior, ainda que o saldo comercial

venha se mantendo relativamente constante desde setembro do ano passado, como se observa no gráfico 3. Em abril, as exportações cresceram 3% com relação ao mês anterior, ao mesmo tempo que as importações tiveram queda de apenas 0,3%. Ambas as variáveis, porém, caíram quando comparadas com os valores atingidos no segundo semestre do ano passado.

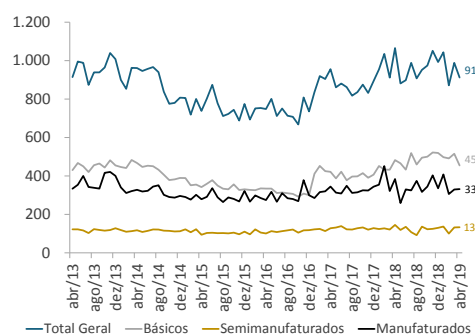
GRÁFICO 3
Exportações, importações e saldo comercial – dados dessazonalizados
(Em US\$ milhões)



Fonte: SECEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O gráfico 4, que apresenta as exportações medidas pelas médias diárias dessazonalizadas, indica que, nessa métrica, as exportações totais caíram em abril na comparação com o mês anterior. É possível perceber que a redução das exportações vem ocorrendo em todos os fatores. Comparando-se a média dos três últimos meses com o trimestre encerrado em janeiro, verifica-se que as exportações totais caíram 10,2%; as de básicos, 5%; as de semimanufaturados, 6,7%; e as de manufaturados, 15,7%.

GRÁFICO 4
Exportações por classes de produtos – Médias diárias dessazonalizadas
(Em US\$ milhões)



Fonte: SECEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No acumulado do ano até abril, as exportações sofreram queda de 2,7%, apesar da elevação de 5,8% dos básicos. Em compensação, os manufaturados tiveram queda de 7,3% e os semimanufaturados, redução de 1,1%, como se observa na tabela 3. No caso dos manufaturados, as maiores quedas ocorreram em automóveis de passageiros (-40%) e autopeças (-21%), devido principalmente à queda de 46,5% das compras da Argentina no período. Foram também registradas, porém, quedas fortes em óxidos e hidróxidos de alumínio (-16%), plataformas para extração de petróleo (-16%), polímeros plásticos (-13%) e laminados planos de ferro e aço (-10%), devido a quedas nas exportações tanto para a Argentina quanto para a União Europeia. A maior queda dos semimanufaturados foi de óleo de soja em bruto (-49%), seguida de açúcar em bruto (-14%). No caso dos básicos, as maiores altas foram de algodão em bruto (77%), milho em grão (59%), fumo em folhas

(16%), petróleo em bruto (11%) e café em grão (9%). As carnes e a soja também tiveram aumentos expressivos no período. Por regiões, foram registradas altas para Ásia (9%), América do Norte (8%), América Central e Caribe (43%), Oriente Médio (30%) e Oceania (46%). Em contrapartida, houve queda nas vendas para América do Sul (-26%), Europa (-16%) e África (-12%).

TABELA 3
Exportações por categorias de produtos (2018 e 2019)
(Em US\$ milhões)

	2019		2018		Variação %	
	Janeiro-Abril	Abril	Janeiro-Abril	Abril	Janeiro-Abril/2019 sobre Janeiro-Abril/2018	Abril-2019 sobre Abril-2018
Op. Espec.	4	0	1.841	462	-99,8	-100,0
Básicos	36.304	10.228	34.320	10.014	5,8	2,1
Semimanufaturados	9.700	2.562	9.812	2.392	-1,1	7,1
Manufaturados	26.335	6.899	28.406	6.845	-7,3	0,8
Total	72.343	19.689	74.380	19.714	-2,7	-0,1

Fonte: SECEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A tabela 4 mostra como evoluíram desfavoravelmente as exportações para a Argentina, que é nosso principal mercado de produtos manufaturados, no primeiro quadrimestre do ano. No conjunto, as exportações para esse país caíram 46,4% com relação a igual período do ano passado. O principal produto, automóveis de passageiros, sofreu queda de 54%, sendo que os demais produtos da indústria de material de transporte sofreram quedas superiores a 30%. Dessa forma, verifica-se que a recessão que acomete o país vizinho tem cobrado um preço elevado sobre nossas exportações, em especial as de manufaturados.

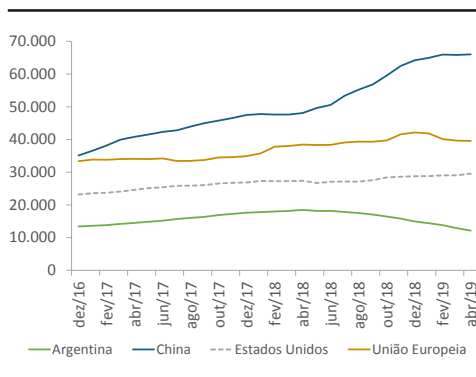
TABELA 4
Exportações para a Argentina, por principais produtos de exportação (janeiro-abril de 2018 e 2019)
(Em US\$ milhões)

PPE	Valor		Variação (em %)
	2018	2019	
Automóveis de passageiros	1.628	748	-54
Partes e peças para veículos, automóveis e tratores	393	241	-39
Demais produtos manufaturados	268	179	-33
Veículos de carga	559	125	-78
Minérios de ferro e seus concentrados	149	116	-22
Produtos laminados, planos de ferro ou aços	116	87	-25
Polímeros de etileno, propileno e estireno	116	73	-37
Pneumáticos	104	72	-30
Soja mesmo triturada	49	56	14
Motores para veículos, automóveis e suas partes	86	53	-39
Óxidos e hidróxidos de alumínio	59	40	-31
Papel e cartão Kraft, em rolos ou em folhas	50	40	-20
Tratores	213	38	-82
Demais produtos	2.275	1.378	-39
Total	6.064	3.246	-46

Fonte: SECEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O gráfico 5 mostra a evolução das exportações brasileiras para os quatro principais mercados, com dados acumulados em doze meses. É possível perceber que as exportações para a Argentina vêm caindo desde maio de 2018. As exportações para a União Europeia, entretanto, que vinham mantendo tendência de elevação até o final do ano passado, também começam a cair. Mesmo as exportações para a China, que são não apenas o maior mas o mais dinâmico mercado, também praticamente pararam de crescer a partir de fevereiro deste ano, o mesmo acontecendo com os Estados Unidos.

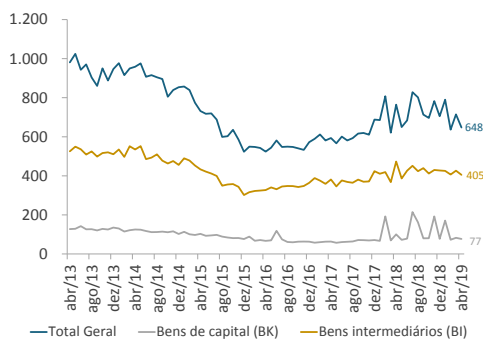
GRÁFICO 5
Exportações por principais países – Dados acumulados em doze meses
(Em US\$ milhões)



Fonte: SECEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

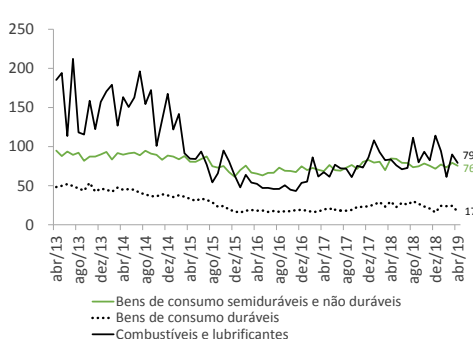
Os gráficos 6 e 7 mostram as importações, com base nas médias diárias dessazonalizadas. Aqui também se observa uma forte queda nos últimos meses. É verdade que, ao longo de 2018 e principalmente no segundo semestre do mesmo ano, as importações de plataformas e equipamentos de exploração de petróleo foram muito altas e comprometem a comparação. A análise das categorias de bens intermediários, bens de consumo e combustíveis, porém, também apresenta uma tendência de queda. No caso dos bens intermediários, comparando-se a média dos três últimos meses com o trimestre encerrado em janeiro, nota-se uma queda de 3,5%; para os bens de consumo semiduráveis e não duráveis, a queda foi de 1,8%; para os bens de consumo duráveis, de 0,7%; e, para os combustíveis, de 20,8%. Como será visto adiante, neste último caso ainda prevalece a queda dos preços de compra – ainda que os preços no mercado internacional estejam em elevação.

GRÁFICO 6
Importações por grandes categorias econômicas – Médias diárias dessazonalizadas
(Em US\$ milhões)



Fonte: SECEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

GRÁFICO 7
Importações por grandes categorias econômicas – Médias diárias dessazonalizadas
(Em US\$ milhões)



Fonte: SECEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

A tabela 5 indica que as importações nos primeiros quatro meses do ano caíram 0,8%, devido a reduções de bens de consumo semiduráveis e não duráveis (-1%), bens de consumo duráveis (-16%) e combustíveis e lubrificantes (-10%). Em compensação, as de bens de capital (2%) e bens intermediários (1,6%) experimentaram elevação. No caso dos semiduráveis e não duráveis, a maior queda foi a dos alimentos e bebidas elaborados, para consumo doméstico (-6%), ao passo que, no tocante aos bens duráveis, a principal queda foi a de automóveis de passageiros (-23%). Já para os bens de capital, a maior alta foi a de equipamentos de transporte industrial (19%) e, para os intermediários, a de alimentos e bebidas básicos, destinados à indústria (28%).

TABELA 5

Importações por categorias de produtos (2018 e 2019)

(Em US\$ milhões)

	2019		2018		Variação %	
	Janeiro-Abril	Abril	Janeiro-Abril	Abril	Janeiro-Abril/2019 sobre Janeiro-Abril/2018	Abril-2019 sobre Abril-2018
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	6.242	1.507	6.320	1.447	-1,2	4,1
Bens de consumo duráveis	1.694	381	2.027	573	-16,4	-33,5
Combustíveis e Lubrificantes	6.410	1.703	7.151	1.543	-10,4	10,4
Bens de Capital	8.216	1.595	8.026	1.772	2,4	-10,0
Bens Intermediários	33.183	8.442	32.669	8.455	1,6	-0,2
Total Geral	55.766	13.628	56.215	13.792	-0,8	-1,2

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

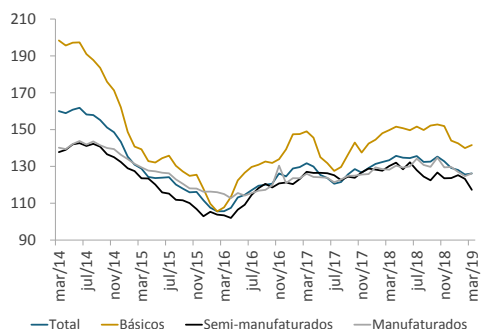
Índices de preços e quantidades

- Os preços de exportação, com correção das variações sazonais, caíram ligeiramente nos últimos cinco meses. As maiores quedas ocorreram nos básicos e semimanufaturados, com quedas pouco superiores a 7% nesse período.
- As quantidades exportadas, também com correção sazonal, têm oscilado nos últimos cinco meses, sem apresentar nenhuma tendência definida. Os produtos básicos, no entanto, parecem estar mostrando uma discreta tendência de queda nos dois últimos meses.
- Esse resultado está sendo provocado, basicamente, pela forte redução das exportações de minério de ferro nos dois últimos meses, em razão da redução de sua produção devido ao acidente em Brumadinho.
- É provável que a produção e as exportações brasileiras de minério de ferro continuem a ser negativamente afetadas até o final do ano, sendo que o aumento doméstico de produção em outras minas não deverá nem de longe compensar a perda de produção resultante do acidente, que implicou o fechamento de pelo menos uma mina.
- Após um período de alta de cerca de dois anos, os preços de importações voltaram a cair nos últimos três meses. A queda acontece principalmente nos bens de capital, bens intermediários e combustíveis. Como há defasagens entre a colocação de ordens de compra e o desembarque das mercadorias, a queda

vista nos preços de combustíveis importados reflete o movimento ocorrido entre outubro de 2018 e janeiro de 2019. É praticamente certo, portanto, que nos próximos meses volte-se a observar a elevação dos preços dos combustíveis importados, em linha com o que vem acontecendo com o mercado internacional desde o final de janeiro.

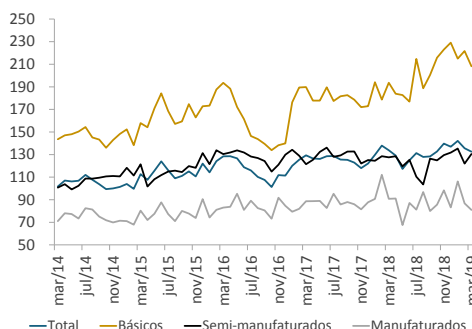
- O índice de quantidades importadas continua sendo muito afetado pelos dados de equipamentos e plataformas de exploração de petróleo, que oscilam muito. É preciso notar, no entanto, que a responsabilidade pela queda do índice total é dos bens intermediários, que caíram 9,8% em março, na comparação com o mês anterior.

GRÁFICO 8
Índices de preços de exportação, por categoria de produtos
(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



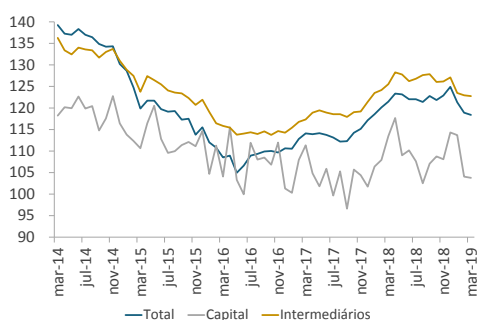
Fonte: Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9
Índices de quantidades de exportação, por categoria de produtos
(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



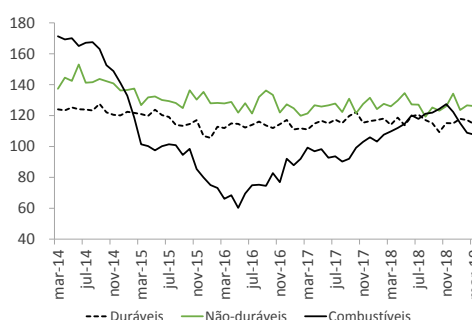
Fonte: FUNCEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10
Índices de preços de importação, por categoria de produtos
(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



Fonte: FUNCEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11
Índices de preços de importação, por categoria de produtos
(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)

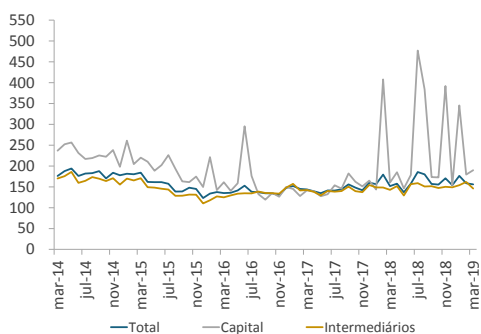


Fonte: FUNCEX.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12

Índices de quantidades de importação, por categoria de produtos

(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



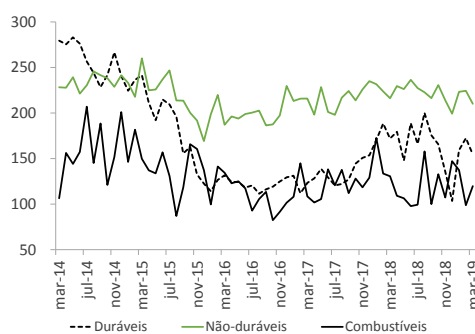
Fonte: FUNCEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 13

Índices de quantidades de importação, por categoria de produtos

(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



Fonte: FUNCEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



4 Balanço de pagamentos

O saldo em transações correntes vem se mantendo relativamente estável, no acumulado em doze meses, desde meados de 2018. No acumulado do ano até março, o *deficit* caiu de US\$ 9 bilhões para US\$ 8,2 bilhões, o que significa uma redução de 1,98% do PIB para 1,76% no período, apesar da redução do *superavit* comercial, como se observa na tabela 6. Isso foi possível graças tanto ao menor *deficit* da conta de serviços, que passou de US\$ 8,2 bilhões para US\$ 6,7 bilhões, como à redução do *deficit* da conta de renda primária, que caiu de US\$ 12,4 bilhões para US\$ 11,5 bilhões.

TABELA 6

Balanço de pagamentos: principais contas (2018 e 2019)

(Em US\$ milhões)

Discriminação	2018	2019	Variação janeiro-março 2019 - Janeiro-março 2018
	Janeiro-Março	Janeiro-Março	
1. Transações correntes	- 9 001	- 8 176	825
Balança comercial (bens)	11 020	9 335	- 1 685
Exportações ¹	54 264	52 856	- 1 408
Importações ²	43 244	43 521	277
Serviços	- 8 192	- 6 688	1 504
Renda primária	- 12 406	- 11 457	949
Renda secundária	577	634	57
2. Conta Capital e Financeira	7 601	6 523	- 1 078
Conta capital	110	98	- 12
Conta financeira ³	7 491	6 425	- 1 066
Investimentos diretos	17 860	15 270	- 2 590
Investimentos em carteira	- 304	7 084	7 388
Derivativos – ativos e passivos	- 1 224	- 698	526
Outros investimentos	- 2 976	- 8 663	- 5 686
Ativos de reserva ⁴	- 5 864	- 6 568	- 704
Erros e omissões	1 400	1 652	253
Memo:			
Transações correntes / PIB (%)	- 1,98	- 1,76	
Investimento direto no país / PIB (%)	4,59	4,54	

Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Exclui mercadorias deixando o território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues no território nacional (exportação ficta), encomendas postais e outros ajustes.

² Exclui mercadorias ingressando no território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues fora do território nacional (importação ficta), importação de energia elétrica sem cobertura cambial, encomendas postais e outros ajustes.

³ Conta financeira = fluxos de investimentos ativos + fluxos de investimentos passivos.

⁴ Sinal negativo indica aumento de reservas; sinal positivo indica redução de reservas.

O ingresso líquido de investimentos diretos baixou de US\$ 17,9 bilhões nos primeiros três meses de 2018 para US\$ 15,3 bilhões em igual período deste ano. Em compensação, o ingresso líquido de investimentos em carteira aumentou de US\$ 0,3 bilhão para US\$ 7,1 bilhões, ao mesmo tempo que o *deficit* da conta de outros investimentos aumentou de US\$ 3 bilhões para US\$ 8,7 bilhões.

Destaques do balanço de pagamentos

- A conta de serviços vem apresentando uma redução do seu *deficit* no acumulado em doze meses desde o final do ano passado. Comparando-se os doze meses encerrados em outubro de 2018 com igual período encerrado em março deste ano, o deficit reduziu-se de US\$ 34,8 bilhões para US\$ 32,4 bilhões.
- Três movimentos contribuíram para essa redução: de um lado, a redução contínua dos *deficit* de aluguel de equipamentos e de viagens. No sentido oposto, tem se verificado uma diminuição do *superavit* de outros serviços de negócios. O primeiro desses movimentos está associado à redução dos gastos com aluguel de plataformas de exploração de petróleo; o segundo, derivado dos impactos do câmbio e da renda sobre as viagens internacionais de residentes no país; finalmente, o terceiro, decorre em parte, pelo menos, da redução dos serviços de engenharia realizados por firmas brasileiras no exterior.
- O *deficit* registrado na conta de lucros e dividendos no acumulado em doze meses vem se mantendo relativamente estável desde março do ano passado, com uma média de US\$ 17,1 bilhões. Mas é interessante notar que o *deficit* de juros na mesma métrica caiu de US\$ 24,2 bilhões em março de 2018 para US\$ 19,6 bilhões, devido, principalmente, ao aumento da receita com reservas internacionais, apesar da estabilidade do nível das reservas observada desde 2017. Isso decorre, em grande parte, de uma decisão do BCB de aumentar a participação de reservas depositadas em títulos.
- Observa-se, este ano, um forte aumento do ingresso de capitais sob a forma de investimentos em carteira. No acumulado do ano até março, o ingresso atingiu US\$ 8,9 bilhões, muito superior aos US\$ 5,4 bilhões registrados em igual período do ano passado. Esse aumento ocorreu, basicamente, em razão da elevação de títulos de renda fixa negociados no mercado doméstico, que passaram de US\$ 2,7 bilhões no mesmo período de 2018 para US\$ 10,2 bilhões no mesmo período de 2019.
- Em compensação, o ingresso líquido de empréstimos na conta de outros investimentos caiu em US\$ 4,7 bilhões nos primeiros três meses do ano, na comparação com igual período do ano anterior.

Apêndice



TABELA A.1

Varição da taxa efetiva real de câmbio ponderada pelas exportações por setores de atividade
(Em %)

Varição no período	Março 2018/ Março 2017	Março 2019/ Março 2018
Taxa Efetiva Real das Exportações segundo Setor CNAE		
<i>Agricultura, pecuária e serviços relacionados</i>	22,78	2,40
<i>Produção florestal</i>	18,63	4,71
<i>Pesca e aquicultura</i>	14,44	6,90
<i>Extração de petróleo e gás natural</i>	2,24	-2,32
<i>Extração de minerais metálicos</i>	46,87	-16,59
<i>Extração de minerais não-metálicos</i>	16,18	7,47
<i>Fabricação de produtos alimentícios</i>	19,07	7,01
<i>Fabricação de bebidas</i>	9,19	7,37
<i>Fabricação de produtos do fumo</i>	17,04	12,18
<i>Fabricação de produtos têxteis</i>	8,67	7,13
<i>Confecção de artigos do vestuário e acessórios</i>	8,02	6,26
<i>Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados</i>	14,97	13,06
<i>Fabricação de produtos de madeira</i>	1,23	7,82
<i>Fabricação de celulose, papel e produtos de papel</i>	5,35	2,54
<i>Impressão e reprodução de gravações</i>	8,22	4,82
<i>Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis</i>	0,27	-1,29
<i>Fabricação de produtos químicos</i>	9,63	4,64
<i>Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos</i>	8,77	11,64
<i>Fabricação de produtos de borracha e de material plástico</i>	10,23	4,99
<i>Fabricação de produtos de minerais não-metálicos</i>	8,73	8,38
<i>Metalurgia</i>	1,82	5,36
<i>Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos</i>	10,07	3,63
<i>Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos</i>	15,39	11,67
<i>Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos</i>	7,75	7,21
<i>Fabricação de máquinas e equipamentos</i>	8,75	4,48
<i>Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias</i>	7,27	9,30
<i>Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores</i>	9,94	11,14
<i>Fabricação de móveis</i>	5,00	8,97
<i>Fabricação de produtos diversos</i>	8,35	6,77

Fonte: FMI, SECEX, BCB e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Adriana Cabrera Baca
Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Janine Pessanha de Carvalho
Leonardo Simão Lago Alvite
Matheus Rabelo de Souza
Pedro Mendes Garcia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.